

CASTELO DE CRESTUMA

A ARQUEOLOGIA EM BUSCA DA HISTÓRIA

António Manuel S. P. Silva | J. A. Gonçalves Guimarães



6515

Sumário

Nota de abertura	3
Duas razões	3
Do sítio do Castelo ao locum castrumiae	4-5
Da descoberta à investigação	6-7
O silencioso testemunho da pedra	8-9
De antes dos Romanos ao fim do Império	10-11
No tempo dos Suevos: tradição e mudança	12-13
Das construções “em negativo” ao insuspeitado cais	14-15
Do obscuro mosteiro, ao castelo que se adivinha	16-17
Perguntas do tempo e da terra	18
O Parque Botânico do Castelo	19

Ficha Técnica (catálogo e exposição)

Coordenação: António Manuel S. P. Silva; J. A. Gonçalves Guimarães

Concepção e textos: António Manuel S. P. Silva | Catálogo: Álvaro B. Moreira (vidros); António Manuel S. P. Silva; Laura Sousa; Pedro Pereira (ânforas); Teresa P. Carvalho (sigillata) | Fotografia: Autores/Projecto Castr'uíma; Manuel Araújo; Manuel Santos (MDDS); João Teixeira/Parque Biológico de Gaia (p. 19). Desenho de espólio: Amélia Marques; Fátima Ferreira; Pedro Pereira. Tintagens: Pedro Pereira | Tratamento gráfico do desenho de campo: Rui Oliveira | Tratamento de espólio e restauro: Arqueologia & Património; Victor Hugo C. Torres/Museu D. Diogo de Sousa | Design: MarDesign | Arquitectura e vitrines: Francisco Saraiva (PBG) Montagem: António M. S. P. Silva; Fátima Teixeira; Francisco Saraiva

Agradecimentos: Cândida Simplicio; Francisco Saraiva; Manuel João Abrunhosa; Mário Pastor; Miguel Almeida/ Dryas Arqueologia; Vitor Hugo C. Torres; Junta de Freguesia de Crestuma; Clube Náutico de Crestuma Edição: Águas e Parque Biológico de Gaia, EEM | ASCR-Confraria Queirosiana (Vila Nova de Gaia)

Impressão catálogo: Greca Artes Gráficas | Jun. 2013 | 1500 exs.

Impressões exposição: AM.Publicidade

Principal bibliografia

Sousa, Arlindo de (1945) – Nótulas arqueológico-históricas. Vila-da-Feira Lusitano-Romana (...). Anales de la Asociación Española para el Progreso de las Ciencias. Ano 10 (2). Madrid, p. 399-412

Sousa, Arlindo de (1957) – Estudos de Arqueologia, Etnologia e História. Antiguidades do Município de Gaia: Civilizações Pré-romanas, Romana e Romana Portuguesa. Rio de Janeiro

Guimarães, J. A. Gonçalves; Guimarães, Susana G. (2001) – O Castelo de Crestuma, uma estação arqueológica quase desconhecida. Almadan. 2ª série. 10. Almada, p. 43-7

Silva, António Manuel S. P.; Guimarães, J. A. Gonçalves (2011) – O Castelo de Crestuma revelado pela Arqueologia. As principais fases de ocupação do sítio arqueológico. Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia. Vol. 13, n.º 73. Vila Nova de Gaia, p. 5-13

Guimarães, J. A. Gonçalves; Silva, António Manuel S. P.; Sousa, Laura; Pinto, Filipe M. S. (2013) - O Complexo Arqueológico de Crestuma - Resultados da primeira campanha de escavações arqueológicas. In Terra de Santa Maria: espaços de cultura em debate no 10º aniversário da revista Villa da Feira (Coord. Filipe M. Soares Pinto). Santa Maria da Feira: Liga dos Amigos da Feira, p. 45-67

© Direitos reservados. Reprodução sujeita a autorização.

Catálogo da exposição itinerante inaugurada em 28 de Junho de 2013 no Parque Biológico de Gaia, por ocasião das I Jornadas Arqueológicas do Castelo de Crestuma

O Projecto CASTR'UÍMA - Programa de investigação arqueológica e valorização cultural do Complexo Arqueológico do Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia) é desenvolvido desde 2010 pelo Gabinete de História, Arqueologia e Património dos ASCR-Confraria Queirosiana e agrega, além dos coordenadores do projecto e da presente publicação, Filipe M. S. Pinto, Laura C. P. Sousa, Paulo M. C. Lima e Pedro A. C. M. Pereira.

Nota de abertura

Uma das preocupações que preside à gestão dos parques e outros espaços da responsabilidade da empresa municipal Águas e Parque Biológico de Gaia é o respeito e a valorização das pré-existências, nomeadamente das que tem valor cultural ou natural.

Assim se fez no Parque Biológico, respeitando a vegetação natural e recuperando as construções rurais, assim se fez no Parque da Lavandeira, dando início ao processo de proteção da grande estufa de ferro fundido, assim se fez, mais recentemente, no Parque do Conde das Devesas, recuperando e valorizando a coleção de camélias e o antigo jardim.

Como não podia deixar de ser, no Parque de Crestuma seguiu-se, desde a primeira hora, o mesmo princípio e tem sido dada enorme importância e prioridade ao núcleo arqueológico com vista à obtenção de informação que permita reescrever a história da parte final do Douro e valorizar o próprio Parque.

Esta exposição é o resultado de três anos de pesquisas e outras tantas campanhas de escavação e será o núcleo de uma futura exposição permanente a instalar no Parque de Crestuma que ajudará a interpretar aquele lugar que, sabemos já, teve uma grande importância como estrutura portuária e entreposto comercial.

Nuno Gomes Oliveira

Administrador do Parque Biológico de Gaia
Vice-presidente da Águas e Parque Biológico de Gaia, EM, SA

2 | 3

Duas razões

justificam esta exposição e a edição do catálogo que dela decorre. Por um lado a equipa do Projecto CASTR'UÍMA entende a arqueologia como ciência eminentemente social, ou seja, que busca o entendimento das sociedades passadas para enriquecimento e usufruto cultural da comunidade em que vivemos, pelo que, a par da divulgação e debate dos resultados da pesquisa científica nos meios académicos e especializados, importa muito em particular que essa partilha de conhecimentos se faça também com a população local, do que os Encontros do Castelo, anualmente realizados em Crestuma, têm dado nota. Por outro, o registo e sedimentação dos progressos da investigação através de publicações, mesmo singelas e despretensiosas como esta, marca etapas que os trabalhos futuros hão-de confirmar ou desmentir, nessa incessante busca dos mistérios dos elementos e do tempo que é a arqueologia.

António Manuel S. P. Silva; J. A. Gonçalves Guimarães

Coordenadores do Projecto de Investigação Arqueológica CASTR'UÍMA (GHAP/ASCR-CQ)

do sítio do castelo

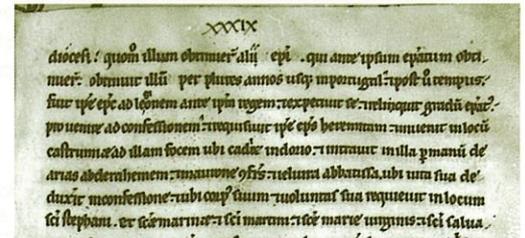
Que é um sítio senão a sua memória e os sentidos que sugere no presente?

Da fortificação, **castro**, e do Uíma que lhe corre aos pés ao encontro do Douro terá nascido o nome, sem o qual um sítio não o é: **locum castrumicæ**, como recorda um velho diploma medieval. A tradição manteve-se ao longo dos séculos, e ainda há quem afiance, se não de ter visto, pelo menos de ouvir contar, que lá no topo das fragas houve mesmo restos de muralha ou resistente pano de torreão antigo.



... ao locum castrumicæ

Talvez no século XII, alguém forjou um documento, que atribuiu ao ano de 922, para tentar justificar a posse de algumas propriedades num contexto de litígio entre as dioceses do Porto e de Coimbra. Refere-se a um mosteiro, atestado por outras fontes, situado **in locum castrumicæ ad illam focem ubi cadit in dorio** (no lugar de Castrumia, perto do ponto onde [o Uíma] desemboca no Douro)

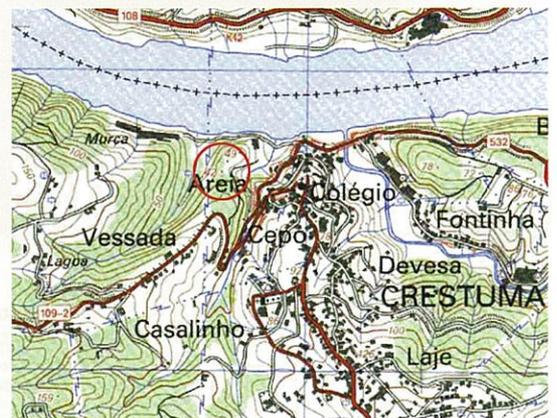


A explicação toponímica do lugar mantém-se ao longo dos séculos. Regista-se num dicionário de 1751, que diz ser Crestuma um lugar antigo, onde “se divisam os vestígios de um Castelo, a que antigamente chamavam Castrum, junto do qual passa o rio Uíma, que com alguma corrupção juntos estes dois nomes formam o de Crestumia.”

he este Lugar antigo: nelle se divisãõ vestígios de hum Castello, a que antigamente chamavãõ Castrum, junto do qual passa o rio Hyma, que com alguma corrupçãõ juntos estes dous nomes formãõ o de Crestumia, com que hoje se appellida: consta de no-

Situa-se o Castelo num esporão rochoso fronteiro ao Douro, à cota máxima de cerca de 57 metros, ladeado pelos areais do Esteiro, a Nascente, e de Favais ou Favaio, a Poente.

Coordenadas geográficas (WGS84):
41°04'06.97"N/8°30'12.53"O.



da descoberta

O primeiro a reconhecer o interesse arqueológico do Castelo de Crestuma foi Arlindo de Sousa, investigador das terras de Santa Maria, que entre 1943 e 1957 visitou o local e recolheu notícias de achados diversos, nomeadamente “sepulturas cavadas nas fragas; muitas covas redondas e rectangulares” [1], fragmentos de telhas e outras cerâmicas antigas, restos arquitectónicos e parte de uma inscrição funerária romana em granito [2], concluindo que ali deveria ter existido uma “estação lusitano-romana”, designação com que na época se caracterizavam os povoados indígenas da Idade do Ferro (castros) romanizados. Arlindo de Sousa identificou ainda o fosso do castelo [3], hoje algo descaracterizado por obras recentes e referiu-se a importantes achados entre a antiga Fábrica de metalurgia “do Rufino” (hoje sede do Clube Náutico de Crestuma) e o Esteiro.

As notícias coligidas por Arlindo de Sousa e a memória local apontam para a existência de uma ou mais necrópoles, de cronologia romana e talvez também medieval. De uma delas será proveniente o fragmento de epitáfio de uma menina aparecido há mais de meio século em Crestuma



XIII ◦ PAT
ER ◦ ET MA
TER ◦ T ◦ CAR
A F ◦ C ◦ HSE ◦ STTL

[...], de 14 anos. O pai e a mãe
mandaram fazer [em tua honra]
querida filha. Aqui está sepultada.
Que a terra te seja leve.



... à investigação



Depois de Arlindo de Sousa, outros investigadores se referiram ao Castelo de Crestuma, como o professor da Universidade do Porto Carlos Alberto Ferreira de Almeida, que o classificou como uma fortificação medieval com antecedentes tardo-romanos. Nos finais do século XX, o sítio sofreu um processo de alguma degradação, em resultado do abandono da sua exploração agrícola, a utilização do local por motociclos e mesmo algumas obras públicas, feitas sem os devidos cuidados de salvaguarda arqueológica.

Em 2007 o Castelo foi inventariado no âmbito da carta arqueológica do Plano Director Municipal e entretanto parte dos terrenos foram adquiridos pelo Município, instalando-se no local em 2009 um Parque Botânico.

Numa colaboração entre a empresa municipal que gere o Parque (Águas e Parque Biológico de Gaia, EEM) e o Gabinete de História, Arqueologia e Património, departamento da associação ASCR-Confraria Queirosiana, iniciaram-se trabalhos arqueológicos regulares em 2010, enquadrados e legalmente aprovados no âmbito do Projecto de Investigação Arqueológica CASTR'UÍMA.



O complexo arqueológico do Castelo de Crestuma não se confina à elevação conhecida por este nome. Envolve seguramente o vizinho monte do Outeiro ou Vessada, atravessado por antiquíssimo caminho, junto a uma ou duas necrópoles, que conduzia ao areal de Favaios, onde existiria uma fundeadouro, de que se encontraram já restos de um cais.

6/7



Moeda da monarquia portuguesa
Tipo indeterminado. Séc. XV
Liga de cobre. Ø 2,8 cm
A/23/40

Nummus,
moeda de baixo valor
Constâncio II (346-348)
Liga de cobre. Ø 1,6 cm
P/10/45

X Centavos.
República
1943
Liga de cobre. Ø 1,7 cm
A/21/3

o silencioso testemunho da pedra



Por entre os xistos sedimentares que constituem o substrato litológico do Castelo irrompem com frequência blocos aparelhados em granito, de proveniência externa. Vemo-los reaproveitados nos muros de soalco, a denunciar antigas construções desmanteladas ao longo do tempo; em granito também se lavraram colunas, umas que resistiram no local, outras de que fala a memória popular. Outros silhares trabalhados, que por certo comporiam muralhas ou paredes de construções, adivinhamo-los em muitos dos entalhes rasgados no xisto natural. Mas todo a rocha, quer a aflorante, quer a que as escavações vão desvendando, evidencia a longa labuta do homem e a marca dos séculos.



Uma base de coluna de tipo romano, reaproveitada numa das paredes da “casa da eira”, denuncia construções antigas de prestígio.



Pesos, usados para redes de pesca, teares verticais ou outros fins. Cronologia indeterminada.

1. Grauvaque. 9,5 x 5,5 x 1,2 cm; 167,2 g. A/24/1

2. Ardósia. 10,5 x 7,7 x 0,7 cm; 130,3 g. A/1/22

3. Filito. 9 x 8 x 0,8 cm; 180,4 g. A/39/4

4. Xisto. 15 x 7 x 1,2 cm; 238,8 g. P/10/10



Mós manuais giratórias (fragmentos de dormente).
Baixo-Império romano.
1. Arenito. 24 x 11 x 7 cm. P/4/1
2. Granito. 19 x 14 x 8 cm. P/44/3



Amoladores, usados para afiar lâminas.
Baixo-Império romano./Alta-Idade Média.
1. Metaplito (?). 7,1 x 4,2 x 2,4 cm. A/23/36
2. Quartzito. 6,5 x 4 x 2,5 cm. A/66/1

No topo do monte uma ampla eira feita com grandes lajes de xisto conserva a memória do uso agrícola do local, mas é possível que se trate de uma estrutura bem mais antiga.

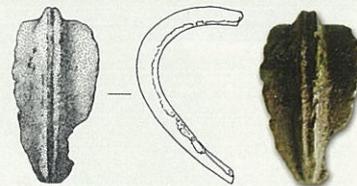


de antes dos romanos

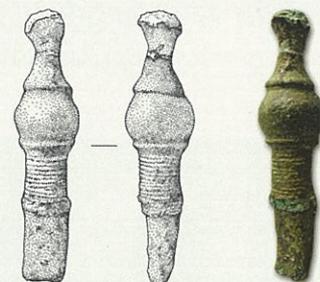
A ocupação mais antiga do morro do Castelo parece remontar à Idade do Ferro (1^o milénio a.C.), altura em que se terá instalado na elevação um povoado indígena, similar a tantos outros castros da região.

Não se conhecem ainda estruturas desta época, mas identificam-se potes, panelas e outras vasilhas cerâmicas, de pastas micáceas, ocasionalmente decoradas com motivos incisos e impressos característicos destas louças.

Não é ainda claro se nos tempos da conquista romana da região, nos finais do século I a.C., este povoado se manteve, adaptando-se a novas formas de vida e produtos de consumo, ou se, pelo contrário, foi abandonado, voltando o sítio a ser reocupado por alturas do século IV, nos finais do Império Romano.



Arco de fibula (alfinete de vestuário)
Tipo Aucissa. Época romana. Bronze.
2,4 x 1,1 cm. P/10/18



Fragmento de fibula (?)
Época romana. Bronze. 3,4 x 0,8 cm. P/10/9



Bordos de potes ou panelas. Idade do Ferro. Cerâmica.

(1) 8 x 4,3 x 1,3 cm. P/601/25 (2) 7 x 4,7 x 1,5 cm. P/48/42 (3) 7 x 5 x 1 cm. P/601/24 (4) 5 x 5,6 x 0,9 cm. P/601/26

Povoados da Idade do Ferro e sítios romanos na margem sul do baixo Douro



... ao fim do Império



Contas de vidro discóides, de diferentes cores.
Finais séc. IV-séc. VI
Ø entre 1,5-1,7 cm; espess. entre 0,6 e 0,8 cm.
P/48/39; P/8/6; P/8/5; P/10/54

A maior parte dos objectos recolhidos nas escavações data dos finais do Império Romano (séculos IV-V) e inclui uma significativa coleção de vidros, cerâmica comum de diferentes tipos e vasilhame de armazenamento (**dolia**), para além de outras peças de uso quotidiano.



- (1) Taça campaniforme. Vidro translúcido de cor verde. Finais séc. IV-séc. VI. 2,5 x 4,5 x 0,3 cm. P/11/51
(2) Taça campaniforme. Vidro translúcido castanho-melado. Finais séc. IV-séc. VI. 1,3 x 4,9 x 0,3 cm. A/455/3
(3) Carrafa cilíndrica Isings 126. Vidro translúcido de cor verde-água. 2,3 x 3,7 x 0,2 cm. P/10/98
(4) Taça campaniforme. Vidro translúcido verde/castanho. Finais séc. IV-séc. VI. 2,3 x 3,4 x 0,3 cm. A/34/2



Peso de tear. Paralelepípedo.
Época romana. Cerâmica.
9,5 x 4,5 x 3,8 cm; 137 g.
P/11/83



Asa de recipiente, decorada com estampilha.
Séculos IV-VI. Cerâmica.
2,9 x 4,6 x 1,8 cm
P/10/91



Vaso de asa interior. Séculos IV-VI.
Cerâmica.
5,5 x 6,2 x 1 cm
P/10/87

Bordo de **dolium** (talha), decorado com estampilhas.
Séculos IV-VI. Cerâmica.
20 x 9,3 x 2,2 cm
P/60/17



Bordo de **dolium** (talha). Época romana.
Cerâmica.
26,2 x 15 x 4,3 cm
CRT/CAO/1

no tempo dos suevos ...

A partir dos começos do século V e durante cerca de 150 anos, o Norte e Centro do nosso País fizeram parte do reino dos Suevos. O domínio suevo teve carácter essencialmente militar e não implicou aparentemente significativa deslocação de populações ou instalação de grupos estrangeiros. Desconhece-se de todo, neste contexto qual o estatuto do castelo de Crestuma ou a estrutura administrativa em que se inseria. No ano de 585 o reino suevo foi submetido aos Visigodos, que governaram a região e unificaram a Península Ibérica até à invasão muçulmana de 711.



409 Diversos povos, tradicionalmente designados como "bárbaros", cruzam os Pirinéus e instalam-se na Península Ibérica.

411 Por um acordo mal conhecido, Suevos e Vândalos repartem entre si o Noroeste peninsular, cabendo aos primeiros a actual Galiza e Norte de Portugal, até ao Douro.

420-455 Dominando o Norte e a fachada atlântica após os Vândalos terem abandonado a Península, os Suevos expandem o seu reino até ao sul da Hispânia e até ao Cantábrico.

455-456 Braga é saqueada pelo rei godo Teodorico; Requiário, rei suevo é capturado em Portumcale e executado; período de conflitos internos.

465-468 Invasões suevas de Conimbriga; o reino suevo é de novo estendido até Scallabis (Santarém) e a linha do Tejo.

585 O reino suevo é conquistado por Leovigildo, rei dos Visigodos, que assim unificam a Península sob seu domínio.

A louça fina de mesa importada é um importante indicador da integração de Crestuma em redes de comércio de longa distância. Nas escavações encontrou-se terra sigillata produzida no Norte de África, Mediterrâneo Oriental e Península Ibérica entre os séculos IV e VII.



Taça.
Sigillata foceana. Hayes 3C. 460-490. Cerâmica.
12,5 x 4,5 x 0,9 cm.
P/10/16



Taça.
Sigillata clara norte-africana (D). Hayes 91. 370-525.
Cerâmica.
6 x 3,8 x 0,9 cm.
P/10/144



Taça.
Sigillata foceana. Hayes 3E? Séc. VI. Cerâmica.
7 x 2,7 x 1,1 cm.
P/10/14



Taça.
Sigillata hispânica. Hisp. 5T. Séculos IV-V. Cerâmica.
4,4 x 3,4 x 0,3 cm.
P/11/2



Prato.
Sigillata clara norte-africana (D). Hayes 104b. 570-625.
Cerâmica.
8,8 x 6 x 1,8 cm.
P/10/61



Taça.
Sigillata hispânica. Hisp. 8T.
Séculos III-V. Cerâmica.
5 x 2,6 x 0,3 cm.
P/10/84

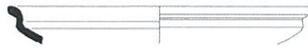
tradição e mudança

Durante quase século e meio ignora-se também o estatuto e funções do castelo de Crestuma, não sendo de crer, todavia, que o sítio tivesse ficado totalmente desabitado. Seguindo uma tendência já anterior, a organização eclesiástica terá contribuído de forma particular para a organização do território, ao mesmo tempo que a crescente importância regional de Portocale (Porto) faz supor que o castelo (e o fundeadouro) de Crestuma tivessem uma relação forte com a cidade sede de bispado.

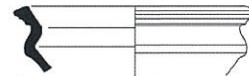
Outra louça fina de mesa é a designada cerâmica cinzenta tardia, de produção regional e usada especialmente nos séculos V-VI. Algumas formas imitam tipos de terra sigillata e derivadas, outras seguem modelos locais.



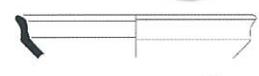
Almofariz?
Imit. DSP Rig. 29. Sécs. V-VI. Cerâmica.
9,3 x 3,5 x 0,7 cm.
P/246/2



Taça.
Imit. DSP Rig. 22. Sécs. V-VI. Cerâmica.
6 x 4,2 x 0,5 cm.
P/SUP/4



Tacinha.
Cerâmica cinzenta tardia. Sécs. V-VI.
2,9 x 2,5 x 0,4 cm.
A/50/1



Taça.
Imit. DSP Rig. 22. Sécs. V-VI.
Cerâmica. 4,9 x 3,3 x 0,4 cm.
P/11/39



Potinho.
Cerâmica cinzenta tardia. Sécs. V-VI. 7,2 x 3,2 x 0,3 cm.
P/246/9

Encontram-se ainda em Crestuma ânforas tardias provenientes da área mediterrânica, materiais cuja presença no Norte de Portugal está ainda mal documentada.



Ânfora oriental.
LRA1b. Séc. VI. Cerâmica.
11,5 x 13 x Ø de asa 3,1 cm.
P/11/77



Ânfora africana.
Keay 25-2. 300-420. Cerâmica.
10 x 3,9 x 3 cm.
P/601/9



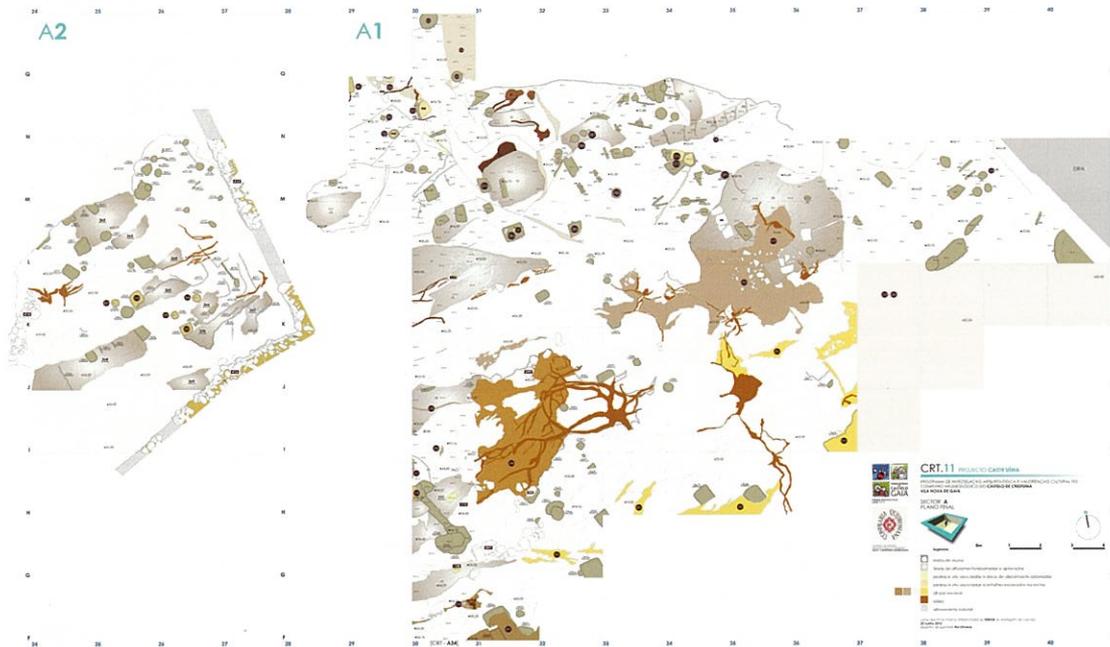
Ânfora oriental (fundo).
LRA2a. 350-500. Cerâmica.
7,5 x Ø 4 cm.
P/LIMP/48



Ânfora africana.
Sécs. V-VI. Cerâmica.
7,7 x 4,8 x 0,6 cm.
P/10/90

das construções “em negativo”...

Contam-se por milhares os entalhes e desbastes, os aplanamentos e os “buracos de poste” - estes certamente destinados à fixação de estruturas em madeira - não deixando quase que um metro de rocha, desde o topo à cota do rio, por trabalhar. A datação destes trabalhos é problemática, tanto mais que na sua maior parte não estão cobertos por depósitos arqueológicos. Todavia, na área escavada do topo do monte percebem-se alinhamentos predominantes nos sentidos Oés-sudoeste/Nor-nordeste e Sul-sudeste/Nor-noroeste. As escassas construções conservadas, restos de pequenos muretes e alinhamentos de lajes que parecem nivelar o maciço rochoso, parecem articular-se com alguns entalhes.



ao insuspeitado cais



A Oeste do Castelo, no pequeno areal de Favaios, as marés revelam com frequência cerâmicas e outros materiais arqueológicos, indícios confirmados por duas sondagens arqueológicas ali efectuadas.

Nas imediações localizaram-se diversos silhares aparelhados à maneira romana, com almofadados e marcas de forxex (engates de guindaste), retirados de profundidade durante a instalação do gasoduto, que ali atravessa o rio.

Feitas prospecções com georadar, confirmou-se a existência de anomalias, de configuração linear, sensivelmente paralelas à linha de praia, que importava confirmar e precisar.

Poita (âncora de tipo arcaico)
Cronologia indeterminada. Granito.
23 x 23 x 24,5 cm; 16,6 kg,
P/SUP/7

14/15



Em Setembro de 2012, numa intervenção preliminar, confirmou-se a existência, a menos de um metro de profundidade, de restos de uma construção, em blocos de granito, que parece explicar as pedras avulsas já referenciadas. Talvez um cais de atracagem ligado a um fundeadouro dos séculos IV-V.

do obscuro mosteiro

O mosteiro ou ermida de **Castrumia** parece ter sido um dos muitos pequenos cenóbios estabelecidos na região entre os séculos X e XI, escassamente referidos na documentação medieval ou recordados apenas pela toponímia, se recordarmos a quantidade de lugares chamados mosteiro, mosteirô (diminutivo) e nomes similares.

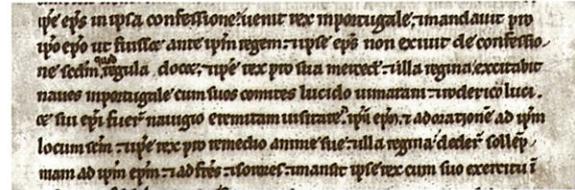
A maior parte destes pequenos mosteiros, muitas vezes de fundação familiar e duração efêmera, não se distinguem arquitetonicamente das construções envolventes nem possuíam elementos de prestígio, para além naturalmente de uma capela, frequentemente a parte que deles permaneceu, como ermida ou mesmo templo paroquial.

Sabendo-se que o primeiro diploma que refere o mosteiro de Crestuma, atribuído ao ano de 922 é quase dois séculos posterior e foi feito para tentar justificar os direitos da diocese conimbricense sobre certas propriedades a Sul do Douro que aquela Sé disputava com a do Porto, a existência do mosteiro confirma-se por outros documentos.

Onde terá sido este mosteiro? Um documento do século XVII refere-se a uma “terra de fraga, chamada a Costeira, junto do rio Huima, onde esteve a Igreja velha”... mas o local não está identificado.

Para além da importância da localização deste mosteiro e da sua relação com o Castelo, que certamente lhe serviria de defesa, o documento atribuído a 922, fornece informações de muito interesse para a história local.

Nele diz-se que o rei Ordonho II das Astúrias, com largo séquito e respectivo exército, se teria deslocado ao mosteiro de Crestuma a visitar o bispo D. Gomado, fazendo ao mosteiro generosas doações de propriedades, viajando pelo rio em navios armados em Portogale (Porto). Ou seja, no **locum castrumie** havia nessa época um porto ou fundeadouro. Seria ainda em Favaios, ou esse velho atracadouro romano estaria já desativado?



Prato ou taça (fundo).
Sigillata foecana. Séc. VI. Cerâmica.
5,7 x 3,4 x 0,4 cm.
P/11/46



922 (?) – Data mais antiga em que se refere o **monasterio castrumiae**, fundado pelo bispo D. Gomado e onde residiria nessa data, segundo documento posterior (c. 1115-1116)

1102 – A ermida foi destruída, na sequência de um assalto de Pelagius Fromariguez

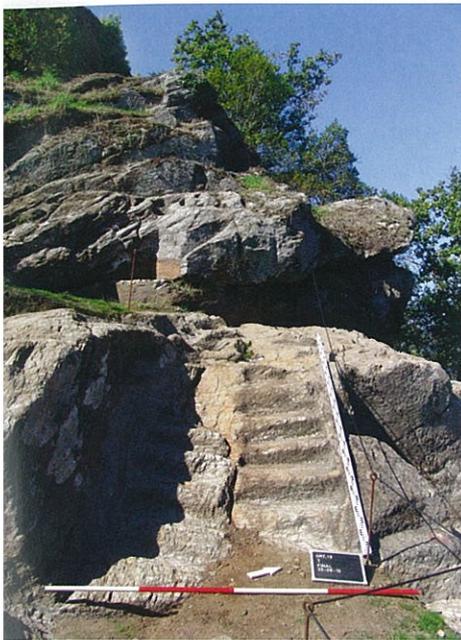
1103 – O mosteiro teria como prior um eclesiástico de nome Garcia

1113 – a **heremita que uocatur Castrumia** é doada por D. Teresa ao bispo de Coimbra

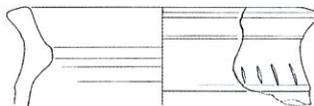
Castelos e mosteiros na margem sul do baixo Douro entre os séculos X-XII



... ao castelo que se adivinha



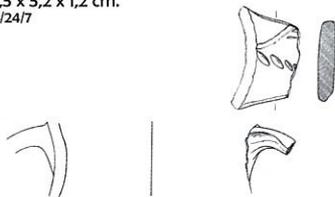
Pote
Séculos X-XI
Cerâmica.
6,3 x 8,2 x 2 cm.
A/51/3



Asa de recipiente
Séculos X-XI
Cerâmica.
4,5 x 3 x 2,5 cm.
A/23/13



Asa de jarro.
Séculos X-XI
Cerâmica.
6,5 x 5,2 x 1,2 cm.
A/24/7



Asa de recipiente
Séculos X-XI
Cerâmica.
5,4 x 4,7 x 1 cm.
A/21/18

Do castelo de Crestuma, a fortificação medieval que talvez justifique a perduração do microtopónimo, são ainda pouco claros os vestígios identificados, nomeadamente no que se refere à sua arquitetura e organização espacial.

A ocupação desta época está atestada por um conjunto de cerâmicas características, como alguidares de fundo em disco, potes e panelas decorados com cordões ou meandros ou asas de jarro com incisões e unhasadas.

O acesso ao topo do cabeço far-se-ia em parte por degraus talhados na rocha e noutra parte por escada de madeira; a cerca defensiva poderia assentar em silharia de pedra, estacada de madeira ou conjugar ambos os sistemas, considerando a dificuldade em datar os numerosos entalhes e “buracos de poste”.

Esta fase de ocupação do sítio, com a instalação do castelo poderá corresponder à época do movimento expansionista do reino asturiano em tempos de Afonso III e seus sucessores, conhecido tradicionalmente como “reconquista cristã”, podendo assim situar-se entre os finais do século IX e o século XI, período a que podem atribuir-se outros castelos roqueiros da região.

16/17



perguntas do tempo e da terra

A escavação de um sítio arqueológico levanta normalmente mais dúvidas que aquelas que responde. Porque a complexidade do tempo e das gentes do passado está muito longe de poder resumir-se a uns quantos alicerces de muros, os restos de objetos que o uso ou os séculos partiram, a marca dos passos que a pedra gravou.

Inebriado pela súbita descoberta de um pormenor curioso, pela sensação de ter adivinhado o rasto de uma ação ou poder fixar no calendário da história o momento fugaz de uma refeição ou o adorno que alguém estimou, também o arqueólogo se ilude por vezes, julgando compreender, ou, pior ainda, poder contar ou explicar esses ténues fios de vidas remotas. Na verdade, apenas nos aproximamos. Mais ou menos, consoante a humildade e o espírito interrogativo com que olhamos as sombras desses gestos perdidos.

A Crestuma, diz a história e acrescentaram narrativas interesseiras, recolheu-se um bispo piedoso, desconsolado do mundo ou sedento da paz que a natureza agreste ou o murmúrio do rio lhe proporcionavam. Onde, os restos das paredes desse pequeno mosteiro?

No monte restou o nome e a tradição de um castelo, evocando torres e muralhas, e sobretudo mandantes e poderes de um passado remoto de muito antes de Portugal. Vá o visitante ao castelo e desça as encostas até ao Douro com o olhar atento à multidão dos entalhes e ao profuso trabalho humano que o xisto perenizou. Imagine agora... o quê? Muralhas pétreas de grossos silhares ou estacadas de troncos que o tempo fez desaparecer... passadiços, casas e armazéns, estábulos e cavalariças, oficinas... e no sopé, no areal de Favaio, se não também no do Esteiro, os muros de cais e atracadouros de madeira onde as embarcações vinham descarregar o peixe ou mercadorias de regiões distantes.

Imagine tudo isto o visitante sonhador. Até porque, que coisa é a história senão a ilusão confortável de percebermos aquilo que o só o sonho nos permite visualizar?



Fundo de tigela.
Meados séc. XIX. Faiança.
Ø 9 x 1,4 cm
A/23/61



Frag. de jarro (?).
Finais séc. XVIII. Faiança.
6,3 x 4,3 x 1 cm
A/21/5



Sanguessuga.
Época romana (?). Bronze.
2 x 0,8 x 0,6 cm; 8,1 g.
P/10/94



Ferradura.
Cronologia indeterminada. Ferro.
8,7 x 10 x 0,8 cm; 71 g
A/23/19



1



2



3



Chave de porta.
Época contemporânea. Ferro.
11 x 3,7 (laro) x 1,2 cm; 54 g
A/1/18

1. Cavilha. Séculos IV-VI. Ferro. 9 x 3 cm; 126 g. P/601/22

2. Cavilha. Séculos IV-VI. Ferro. 5,5 x 3 cm; 42 g P/11/47

3. Cavilha. Cronologia indeterminada. Ferro. 10 x 2,2 cm; 23 g. P/5/3

o Parque Botânico do Castelo



Este Parque abriu ao público em 13 de Setembro de 2009 e resultou da aquisição, por parte do Município de Vila Nova de Gaia, de uma velha quinta abandonada.

O Parque Biológico de Gaia, EM criou e abriu ao público este espaço verde tirando partido da vegetação já existente. Disposto em socalcos sobre o rio, este parque revestiu-se assim de uma feição essencialmente botânica, encontrando-se ali, entre outras espécies, freixos, sobreiros, carvalhos autóctones e medronheiros. Há também no Parque do Castelo alguns endemismos do Norte de Portugal, como a planta **Omphalodes nitida**.

arqueológico, esta área foi também reconhecida como de particular interesse e tem vindo a ser estudada com o apoio da empresa Águas e Parque Biológico de Gaia, EM. Situado na margem Sul do rio Douro junto à vila de Crestuma, o Parque Botânico do Castelo oferece também excelentes panorâmicas



Parque Botânico do Castelo

Lugar da Praia
4415-616 Crestuma
tel. 227 878 120
fax.227 833 583
e-mail. geral@parquebiologico.pt

41°04'06.97" N / 8°30'12.53 W

Horário do Parque

Aberto todos os dias do ano
Horário de Verão - 09h00 às 19h00
Horário de Inverno - 10h00 às 17h00

Equipamentos

Casas de banho e bar
no Clube Náutico de Crestuma

Avisos importantes

Local com alguma dificuldade de acesso, não aconselhada a deficientes motores ou idosos.
Local com perigo de quedas.
Tenha cuidado com as crianças.



ÁGUAS E PARQUE BIOLÓGICO
DE GAIA, EEM



Parques de Gaia
tudo, por um bom passeio

